

# "Precisamos fazer alguma coisa"

por José Casado  
de São Paulo

(Continuação da 1ª página)

Por isso, decidiram que sua proposta de plano econômico emergencial será apresentada, nos próximos dias, ao presidente do Congresso, senador Nelson Carneiro, para ser negociada com os partidos políticos.

"Vamos até o Congresso, com muita humildade" — sugeriu Ozires Silva, membro do conselho administrativo da Embraer. Repetiu essa frase por seis vezes em apenas cinco minutos, durante a reunião.

Das intervenções feitas ao microfone, na ampla sala de uma residência vazia, estrategicamente escolhida para esse debate — na zona sul da capital paulista —, praticamente nenhuma sugestão concreta sobre o que fazer no curtíssimo prazo foi apresentada.

"O importante aqui é a conscientização da gravidade da crise e da necessidade de nos mobilizarmos", insistia Mário Amato, cada vez que entregava o microfone a um dos participantes.

Alguns consensos, porém, foram obtidos. Na análise da dívida externa como fator de pressão sobre as contas nacionais, por exemplo. "Acho que, a

essa altura, ninguém mais tem dúvidas de que o total dessa dívida não pode ser pago, e está claro que até os banqueiros credores, no exterior, reconhecem isso. Resta uma conversa sobre a parte que se pode continuar pagando" — sintetizou Pedro Conde, do Banco de Crédito Nacional (BCN).

A viabilidade de um acordo político emergencial para gestão da economia é, também, considerada como certa. "O clima no Congresso, neste momento, é muito propício", informou o senador Albano Franco (PMDB-SE), presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI). "Aqui dentro desta sala sou um médio empresário, mas tenho mais experiência no Parlamento que muitos e posso dizer que, se operarmos com humildade, vamos ter êxito nesta negociação com os partidos. Mas, alguns sacrifícios serão necessários. Qualquer coisa é melhor que a hiperinflação."

"Acho que há, de fato, uma perspectiva de alento de se fazer algo viável", observou Cláudio Bardella, da Indústrias Bardella. "Isso aqui é um começo construtivo", concluiu Paulo Cunha, do grupo Ultra.

junho de 1989

# "Precisamos fazer alguma coisa"

por José Casado  
de São Paulo

Foram três horas de análises e debates sobre a crise política e econômica, envolvendo presidentes de oitenta dos maiores grupos empresariais privados, nacionais e estrangeiros, ontem em São Paulo.

Quando terminou, Abílio dos Santos Diniz, diretor-superintendente do grupo Pão de Açúcar, procurou resumir o sentimento generalizado: "Precisamos fazer alguma coisa. Só não podemos fazer o mesmo que fizeram os empresários da Argentina. Lá eles, simplesmente, se omitiram. Aqui, não vamos deixar que isso aconteça".

Haviam-se comprometido a formular uma proposta emergencial de política econômica, na perspectiva de viabilizar um mínimo de estabilidade nas contas nacionais nos próximos nove meses, até a posse do sucessor eleito do presidente José Sarney.

Marcaram uma nova reunião, na próxima semana, para examinar o conteúdo formal das sugestões que serão recolhidas por uma comissão de oito empresários a ser designada pelo presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.



Abílio dos Santos Diniz

(FIESP), Mário Amato — um dos organizadores do encontro de ontem.

Das análises feitas, restou a certeza de que o País se acha virtualmente posto no limiar de um processo de hiperinflação. "É o estágio final, onde tudo pode acontecer", definiu o economista Luis Paulo Rosenberg, ex-assessor econômico do presidente José Sarney, convidado para fazer, na abertura, uma exposição sobre o crítico quadro da economia.

Entenderam que o melhor caminho, aparentemente, é o Congresso Nacional.

(Continua na página 7)